

Um historiador e suas travessias

Aline Magalhães Pinto

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

alinealinemp@yahoo.com.br

CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre a ciência e a ficção*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

A impressão de que o tempo se acelera marca os dias atuais. Contudo, há coisas que permanecem lentas, presas à espera de seu momento de aparição. Trata-se nesta resenha, antes de tudo, de uma rara oportunidade de utilizar com precisão a expressão “antes tarde do que nunca”. Podemos brindar, finalmente, a tradução da coletânea de ensaios de Michel de Certeau intitulada *Histoire et psychanalyse*, originalmente de 1987, em uma edição muito bem cuidada.

Todo o trabalho intelectual de Michel de Certeau é sensivelmente marcado pelo interesse em delinear as relações que palavra, escrita e discurso estabelecem com o mundo. A problematização da linguagem que imprime certa inquietude ao pensamento francês do século XX culmina, nas reflexões de Certeau, no extremo zelo e atenção reflexiva com que o intelectual trata sua principal atividade: ser historiador. Nesse sentido, *História e psicanálise* reúne ensaios que são representativos da qualidade da reflexão teórica de Michel de Certeau sobre a história e suas interseções e fronteiras — das quais se destacam a psicanálise e a literatura, ao mesmo tempo que a obra é, ela mesma, um *lugar* de exercício da operação historiográfica.

Como Luce Giard deixa claro no artigo que introduz a coletânea em questão, a maneira desmetida com que Certeau atravessa diferentes áreas do saber (historiografia, psicanálise, etnografia,

filosofia, estudos místicos e religiosos, literatura...) não implica a tentativa de dissolver fronteiras e estatutos disciplinares. Pelo contrário, a travessia é alimentada pela aguda consciência da historicidade inscrita nas demarcações que balizam a construção dos saberes constituintes da ampla região antropológica que podemos denominar humanidades. Os deslocamentos, de uma pesquisa para outra, de um campo para outro, são calcados numa concepção do ofício de historiador que não dissocia a prática historiográfica da tentativa de compreensão das condições e efeitos que se relacionam ao exercício de tal ofício.

Esse entendimento reflexivo do trabalho historiográfico pode ser tomado como fio que enlaça os ensaios reunidos em *História e psicanálise: entre a ciência e a ficção*. Os ensaios reunidos à luz desse entendimento consolidam a postura de Certeau sobre o saber histórico, posicionamento que evita tanto a construção de uma “epistemologia geral” quanto a defesa de uma irrestrita transdisciplinaridade. A coletânea corresponde a uma segunda edição, revista pela organizadora do volume (Luce Giard), de textos anteriormente publicados por Michel de Certeau. Essa revisão contempla as correções e complementações feitas pelo próprio Certeau após as primeiras versões publicadas de cada ensaio. A edição que se apresenta em português dispõe os ensaios em forma de capítulos que giram em torno da temática da história como um saber posicionado *entre* a ciência e a ficção, e divide-se em: a) os três primeiros capítulos contemplam diretamente as relações entre história e psicanálise; b) os capítulos 4, 5, e 6 correspondem

Resenha recebida em 23 de outubro de 2011 e aprovada em 1º de abril de 2012.

a análises sobre a obra de Foucault e seu impacto sobre a área das humanidades; c) nos capítulos 6 e 7 encontra-se uma retomada da questão da história e de sua escrita, contemplando as relações com a literatura; d) o capítulo 8, que aborda de uma maneira instigante a definição de “entremeio” problematizando a ausência tematizada pela mística, pela psicanálise e também pela historiografia; e) o capítulo 9, texto que elucida a posição de Certeau em relação a Lacan.

L'écriture de l'histoire (1975) continua, como afirma Giard, sendo o repositório principal do esforço de teorização empreendido por Michel de Certeau acerca da história e da historiografia. Todavia, encontra-se nas diversas expedições empreendidas pelo autor, reunidas nesta coletânea, uma oportunidade para um maior aprofundamento de questões epistemológicas e metodológicas sobre a história.

A lição de *L'écriture de l'histoire*, texto que se consolida como clássico da historiografia contemporânea, deve estar sempre na ponta da língua: a operação que se procede ao se “fazer história” deve relacionar “um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura)” (p. 66). Ao diferenciar, por meio de uma estrutura triangular, na operação historiográfica, instâncias que se articulam de maneira a garantir um estatuto de validade ao discurso histórico, Michel de Certeau elaborou teoricamente aquilo que deveria servir tanto de base para a produção do texto histórico, como de meio para sua discussão e validação. A análise desse saber tripartido apresenta cada dimensão de forma conjugada e interdependente, ou seja, para que se fabrique o “produto” histórico não se pode prescindir de nenhum dos três elementos. O pensamento e a sensibilidade histórica de Certeau se deixam marcar pelo esforço em fazer ver essa articulação se realizando como o que é propriamente histórico, como é possível notar em cada um dos ensaios de *História e psicanálise*.

Como aponta Paul Ricoeur em *L'mémoire, l'histoire, l'oubli*, um dos traços mais marcantes do trabalho reflexivo de Certeau é justamente in-

troduzir e enfrentar as dificuldades postas pela questão do *lugar* de produção do discurso historiográfico. Entretanto, como mostra Luiz Costa Lima em *História. Ficção. Literatura*, não é possível deixar de notar que, a despeito da pertinência da análise que visa identificar e discutir os lugares de produção e poder a que um trabalho historiográfico se atrela, a simples reconstituição desses lugares é, em termos críticos, insuficiente tanto para dizer a respeito da qualidade de tal trabalho quanto para abordar as fronteiras em que o gesto de escrever história se estabelece.

Com efeito, é precisamente nesse sentido que os ensaios reunidos no volume que acaba de ser traduzido — nos quais o autor aborda verdadeiros enclaves para a historiografia do século XX — prestam uma contribuição inestimável ao oferecer elementos importantes para aprofundar a compreensão da concepção de história de Michel de Certeau.

Já no primeiro ensaio, intitulado “História, ciência e ficção”, encontra-se a referência ao que, irremediavelmente, estará sempre ligado ao fazer historiográfico: a encenação verossímil de uma efetividade. Nessa encenação, o real representado faz ocultar, por detrás da figuração de passado, o sistema social e técnico que a produz. A relação configurada pelos procedimentos de análise do historiador gera uma tradição, algo que passou e, ao mesmo tempo, permanecerá. A historiografia tem como função, tradicionalmente, ser uma decisão que confere voz a um “nós”, conjunção que liga a cultura de um tempo àquilo que não é controlável, corrigível ou passível de intervenção pelas práticas técnicas. Ela enuncia e fornece a efetividade do passado sob o modo da linguagem. O gesto que circunscreve e funda o passado é um corte pelo qual um poder (político, social, científico) pode entender sua exterioridade.

Como discurso a ser produzido na fronteira entre o dado e o criado, a historiografia se estabelece, para Certeau, como uma mistura entre ciência e ficção, um entremeio que promove “um retorno do passado no discurso do presente”. Heterologia que se movimenta entre os dois polos sem jamais se reduzir ao modo de funcionamento

de um ou de outro. Neste ponto sente-se falta de uma elaboração mais sólida, da parte de Certeau, sobre o que ele entenderia por ficção e por ciência. Há certa obscuridade e hesitação do autor na definição desses termos, complexos e “perigosos”, talvez porque em seu entender, para o domínio histórico, ciência e ficção não existam em suas formas “puras”, mas tão somente nessa estranha mistura (p. 62-63).

De toda forma, para Certeau, a posição da historiografia em relação à ficção e à ciência é sempre de movimento e de reenvio de uma a outra. Tal maneira de pensar o saber histórico nos propõe o dilema de tratar tanto dos procedimentos de controle que instauram o lugar da história quanto dos mecanismos pelos quais tais procedimentos se deixam historicizar, via “metaforizações”, pelo tempo. Michel de Certeau concebe uma operação histórica que deve ser capaz de “criar” lugares, dar lugar a: passado, futuro, presente, diferença, alteridade, experiências, desejos, ruínas, vitórias... Ao fazê-lo, o saber histórico cede lugar a si mesmo — a história. O saber histórico, ao se representar, fornece o espaço para que o tempo passe, ou para pensar junto a François Hartog, para temporalizar o tempo.

Certeau enuncia uma fórmula que não tem nada de simples:

O lugar instaurado por um procedimento de controle é, por sua vez [lui-même], historicizado pelo tempo, passado ou futuro, que se inscreve aí como retorno do “outro” (uma relação com o poder, com precedentes, ou com ambições) e que “metaforizando” assim o discurso de uma ciência, acaba por transformá-la, igualmente, em uma ficção. (p. 70)

Esta historiografia que se desdobra entre ficção e ciência deve configurar o *acontecimento* como algo que, por um lado, enuncia o presente como um lugar de poder e normatividade e que, por outro, anuncia uma estranheza que expressa, no limite da linguagem, a finitude humana. O entremeio entre ficção e ciência é uma questão que se abre sob a dupla forma de facticidade e ausência

— questão para a qual não haverá uma resposta, mas apenas a constante exigência de pensar: como cumprir a tarefa de conformar uma alteridade sem perdê-la?

A inspiração de Michel de Certeau nasce da tensão entre um esforço de inteligibilidade e a irredutibilidade do passado, entre o apreensível e o ausente da história. De uma relação apaixonada com essa tensão emerge um pensamento histórico sempre sensível ao crer, à experiência religiosa e mística. A história das místicas e das religiões, como experiências espirituais apreendidas pela linguagem, marca profundamente a concepção de história de Certeau. Para ele, o passado está para o discurso histórico como Deus para o discurso místico: ausente, escondido, Outro.

A ausência será, portanto, o cerne do saber histórico, sua motivação e razão de ser. Endividada com a experiência de *um outro que se foi*, a história é, para Certeau, um território com fronteiras abertas ao desconhecido. A tarefa da historiografia seria, por meio de uma série de procedimentos da operação historiográfica, permitir que a alteridade seja tratada como um fato e, em seguida, remetida a uma *razão* (modo de inteligibilidade) que a torna assimilável, compreensível. Para tanto, como heterologia que é, saber sem método, a história espelha-se, *i.e.*, se reconhece e se estranha em outras áreas do conhecimento humano. É exatamente o caráter heterológico do saber histórico que demanda o trabalho de “demarcação topográfica” empenhado por Certeau. Trabalho que, como lembra Jacques Revel em *Michel de Certeau: l'institution et son contraire*, joga com a tensão entre enraizamento e não pertencimento. Na leitura de *História e psicanálise* emergem dois pontos centrais para essa demarcação do território, do *lugar da história*: as fronteiras com a psicanálise e com a literatura.

História e psicanálise

Michel de Certeau é um profundo conhecedor das obras de Freud e suas ligações com a psicanálise são intensas. Junto a Lacan, Certeau par-

ticipou da Escola Freudiana de Paris (1964) desde sua fundação. Por todo o percurso intelectual de Michel de Certeau, encontra-se um trabalho rigoroso sobre a interface entre as duas disciplinas. O interesse por Freud e pela psicanálise em geral não incide sobre a terapêutica. O que o encanta são as potencialidades da teoria psicanalítica para a compreensão de fenômenos culturais que envolvem temas ligados à alteridade.

O trabalho de luto, da maneira entendida pela psicanálise, emerge como dimensão essencial para a constituição do campo historiográfico, que precisa excluir ou perder “algo” que figure como passado. Justamente, de acordo com Freud, em *Totem e tabu*, “o luto tem uma missão psíquica definida, que consiste em estabelecer uma separação entre, de um lado, os mortos, e, de outro, as lembranças e as esperanças dos sobreviventes”.

As reflexões de Certeau conduzem a pensar as relações entre história e psicanálise como fundadas sobre o ponto em comum entre os dois domínios, tal seja, o reconhecimento de uma alteridade radical.

Meio século depois de ter sido afirmado por Michelet, Freud observa que, de fato, os mortos “voltam a falar”. Não mais como pensava Michelet, pela evocação do “advinho” que seria o historiador; “isso fala” mas à sua revelia, em seu trabalho e em seus silêncios. Tais vozes, cujo desaparecimento é o postulado de qualquer historiador que as substitui por sua escrita, remordem o espaço do qual estão excluídas e continuam falando no texto-homenagem que a erudição ergue em seu lugar (p. 78).

A familiaridade entre psicanálise e história desperta uma estranha inquietação. Elas constituem maneiras diferentes de distribuir o espaço da memória. Para Certeau, nesse espaço ocorrem duas operações distintas: esquecimento, entendido como uma ação contra o passado, e o traço mnésico, um retorno do esquecido, uma “ação” do passado obrigatoriamente dissimulada.

História e psicanálise seriam formas distintas de pensar a relação entre passado e presente, entre

o “agora” e o “esquecido”. A historiografia pensa essa relação sob os modos de sucessividade, correlação, efeito e disjunção. Para o saber histórico, mesmo quando se estabelece uma continuidade, solidariedade ou convivência entre eles, o passado está sempre ao lado do presente, ou seja, sempre são diferentes um do outro. Diferença estabelecida por aquilo que Certeau denomina vontade de objetividade, maneira pela qual o presente se comporta como um “próprio” que se debruça sobre um “outro”. A psicanálise, por sua vez, reconhece o passado dentro do presente, ou seja, a organização do atual sempre traz consigo, mascaradas e camufladas, as configurações anteriores. Contudo, não são modos discursivos que se excluam. Pensadas como estratégias de temporalização distintas, história e psicanálise se entrecruzam de maneira absolutamente fecunda para Certeau, sendo tais encontros preciosas visadas sobre a ocupação do espaço da memória e sobre as relações entre aquilo que se apresenta entre nós e aquilo que deixou a cena presente (p. 71-73).

História e literatura

Das complexas e variadas relações possíveis entre história e literatura encontradas não somente nos textos desta coletânea mas também em outras obras de Michel de Certeau, escolhemos pinçar, para fins de maior elucidação, aquela em que se produz um abismo: a análise da contraposição entre o fazer poético-literário e a operação historiográfica analisada por Certeau a partir da obra de Mallarmé. Sendo a experiência poética de Mallarmé radical como é, a análise pôde criar um efeito de oposição igualmente radical entre um e outro discurso. O efeito seria menos abissal se tomássemos, por exemplo, a análise dos romances históricos.

Certeau afirma que, para Mallarmé, o poema se faz crer porque não se apoia em nada a não ser na força de sua forma. O poema mallarmaico remeteria àquilo que nenhuma realidade dá respaldo, onde o crer e o escrever — experiência poética — são um movimento oriundo e criador

de um vazio. O gesto poético numa poesia como a de Mallarmé, afirma Certeau, “confere autoridade a um espaço diferente, ela é o nada desse espaço. (...) deduz a possibilidade no excesso do que se impõe” (p. 111). Gesto de transgressão das convenções pelas quais o “real” se impõe, a *destruktion* criadora da tradição literária e poética operada por Mallarmé afirma um nada atópico e revolucionário.

Após desenhar este contorno para a experiência poética, Certeau afirma: “a historiografia exercita o inverso”. Em oposição ao discurso literário, a operação historiográfica, para Certeau, dota o discurso de referência, o faz funcionar como expressão autorizada de uma realidade. Enquanto o gesto poético faz desdobrar vazios, a historiografia se preocupa em preencher todas as lacunas possíveis.

Por que isso acontece? Escrever história, para Certeau, é produzir a segurança de um *lugar*. Nas reflexões de Certeau, como bem demonstra François Dosse em *Michel de Certeau — le marcheur blessé*, na medida em que as questões da alteridade e das dialéticas temporais seriam inevitáveis para o historiador, o que se põe em causa é a constituição pela qual a historiografia pode se sustentar sobre lugares próprios, específicos, atribuídos ao passado ou ao futuro, justapostos ou religados segundo normas genealógicas.

Certeau compreende o saber histórico como aquele que, ao longo de sua longuíssima história, se debateu contra a ficção, contra o não real. A clivagem entre história e as histórias evidencia em tal campo um traço de reflexividade e, ao mesmo tempo, uma necessidade de validação. Aponta para a existência de um aparato discursivo crítico e explicativo que, sendo capaz de organizar e oferecer inteligibilidade à face concreta, múltipla e contraditória da experiência humana, não se deixa confundir com essa e ao mesmo tempo não é seu oposto.

Para a historiografia, a palavra é lugar, recinto, habitação. Como já afirmava em *l'écriture de l'histoire*, Certeau reitera nas páginas destes ensaios a concepção de que um fato histórico designa uma relação, cujas condições e limites de

validade servem para marcá-la. A historiografia se dá por função restaurar incansavelmente a referencialidade. E, ao mesmo tempo, a validade do texto histórico se encontra em suas referências. Se o gesto poético cava um vazio que faz crer na palavra, o gesto historiográfico esvazia a significação da forma para dar crédito ao que a palavra quer dizer, ao semblante da referencialidade. O real é uma posição, um modo de estar no presente, que preenche de sentido as lacunas do passado. Um modo de estar no presente não diz respeito, obviamente, à escolha surreal de uma subjetividade, mas ao funcionamento sociocultural de uma sociedade. Na encenação literária, a escrita simboliza o desejo que constitui a relação com o outro. Ela é a marca dessa lei. Mas, na encenação histórica, a escrita amarra esse desejo ao jogo de relações que um corpo social mantém com sua linguagem no presente.

Para a dimensão de ausência e impulso desejante, a escrita da história cria um lugar, concede uma raiz, produz uma habitação e cuidado onde “antes” era vazio. Sem deixar de ser uma técnica, a história possui uma dimensão erótica, narrativa do corpo que não fala mais, e retorno dissimulado do *morto*. Trata-se do corpo social, mas em história ele funciona como um corpo desejante. Citando Lévinas, Certeau pensa esse corpo que deseja como uma permanente contestação do privilégio na produção de sentidos que a cultura ocidental atribui à consciência. Os textos históricos se voltam para esse corpo, organizam e respeitam lugares em vista dos vestígios deixados por produções sociais e práticas culturais. Conferem propriedades e delimitam um lugar para *aquilo que se foi* fabricando uma metáfora de ausência. A historiografia é capaz de enraizar, enterrar, criar elos, tradições, origens. A capacidade de criar esse laço é a marca que torna especial a escrita e a operação historiográficas. A historiografia contribui para o compartilhar de referências e valores que garantem a comunicabilidade simbólica em uma cultura e entre culturas diferentes (p. 188).

Talvez essa discussão pareça um tanto quanto ultrapassada ou demasiadamente restrita à cultura

historiográfica francesa. É possível ainda afirmar que, de um jeito ou de outro, a historiografia do século XXI tem transformado em prática corrente boa parte das discussões enfrentadas por Certeau. Contudo, é igualmente verdadeiro que sua con-

tribuição na busca pelo melhor entendimento da construção dos sistemas de referência que balizam o texto historiográfico é de precioso e mesmo inestimável valor para os estudos históricos e continua a instigar os que se dedicam ao labor da *disciplina*.